

GUSTAVE  
FLAUBERT

A educação  
sentimental

*Tradução e notas de*  
ROSA FREIRE D'AGUIAR

*Prefácio de*  
MARIA RITA KEHL

*Posfácio de*  
MARCEL PROUST



---

COMPANHIA DAS LETRAS

Copyright do prefácio © 2017 by Maria Rita Kehl

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

Penguin and the associated logo and trade dress are registered and/or unregistered trademarks of Penguin Books Limited and/or Penguin Group (USA) Inc. Used with permission.

Published by Companhia das Letras in association with Penguin Group (USA) Inc.

TÍTULO ORIGINAL  
L'Éducation sentimentale

PREPARAÇÃO  
Fernanda Alvares

REVISÃO  
Thaís Totino Richter  
Fernando Nuno

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

---

Flaubert, Gustave, 1821-1880.

A educação sentimental / Gustave Flaubert; tradução e notas de Rosa Freire d'Aguiar; prefácio de Maria Rita Kehl; posfácio de Marcel Proust. — 1ª ed. — São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2017.

Título original: L'Éducation sentimentale.  
ISBN 978-85-8285-056-5

I. Romance 2. Romance francês I. Aguiar, Rosa Freire d'.  
II. Kehl, Maria Rita. III. Proust, Marcel, 1871-1922.  
IV. Título.

17-05524

CDD-843

---

Índice para catálogo sistemático:

I. Romances : Literatura francesa 843

[2017]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

[www.penguincompanhia.com.br](http://www.penguincompanhia.com.br)

[www.blogdacompanhia.com.br](http://www.blogdacompanhia.com.br)

[www.companhiadasletras.com.br](http://www.companhiadasletras.com.br)

# Sumário

|  |           |
|--|-----------|
| Prefácio — <i>Observações sobre A educação sentimental</i> , Maria Rita Kehl | 9         |
| Nota da tradutora  | 23        |
| <b>A EDUCAÇÃO SENTIMENTAL</b>  | <b>29</b> |
| Primeira parte   | 31        |
| Segunda parte  | 149       |
| Terceira parte   | 367       |
| Posfácio — <i>A propósito do “estilo” de Flaubert</i> , Marcel Proust        | 537       |
| <i>Cronologia</i>  | 555       |

## Primeira parte

### I

No dia 15 de setembro de 1840, por volta das seis da manhã, o *La Ville-de-Montereau*, prestes a partir, lançava fumaça em grandes turbilhões diante do Quai Saint-Bernard.

As pessoas chegavam ofegantes; barricas, cabos, cestas de roupa atravancavam a circulação; os marujos não respondiam a ninguém; todos se esbarravam; os pacotes subiam entre os dois tambores, e a barulheira era absorvida no sussurro do vapor que, escapando pelas placas de metal, envolvia tudo com uma nuvem esbranquiçada, enquanto na proa a sineta tilintava sem parar.

Finalmente o navio partiu; e as duas margens, povoadas de armazéns, canteiros de obras e fábricas, desfizeram-se como duas fitas largas que se desenrolam.

Um rapaz de dezoito anos, de cabelos compridos e levando um álbum debaixo do braço, mantinha-se perto do leme, imóvel. Contemplava através do nevoeiro os campanários, os edifícios cujos nomes não sabia; depois abarcou, num último olhar, a ilha Saint-Louis, a Cité, a Notre-Dame; e logo, Paris desaparecendo, soltou um grande suspiro.

O sr. Frédéric Moreau, que acabara de terminar o ensino médio, voltava para Nogent-sur-Seine onde iria se entediar por dois meses, até ir *fazer o seu direito*. A mãe

tinha a quantia indispensável e o enviara ao Havre para ver um tio, cuja herança esperava que fosse dele; só na véspera ele retornara de lá, e compensava o fato de não poder ficar na capital voltando à província pelo caminho mais longo.

O tumulto se acalmou; todos tinham se acomodado em seus lugares; alguns, em pé, aqueciam-se em torno da máquina, e a chaminé cuspiam com um ronco lento e ritmado seu penacho de fumaça preta; gotinhas de orvalho escorriam sobre as peças de cobre; o convés estremecia com uma pequena vibração interna, e as duas rodas, girando depressa, revolviam a água.

As margens do rio formavam praias de areia. Avistavam-se troncos de madeira sendo transportados e começando a ondular sob o redemoinho das ondas, ou, dentro de um barco sem velas, um homem sentado a pescar; depois, as brumas errantes dissiparam-se, o sol apareceu, a colina que seguia à direita o curso do Sena aos poucos se abaixou, e surgiu outra, mais perto, na margem oposta.

Árvores a coroavam entre casas térreas cobertas de telhados à italiana. Tinham jardins em declive divididos por muros novos, grades de ferro, gramados, estufas aquecidas e vasos de gerânios, espaçados regularmente em terraços onde era possível admirar o panorama. Ao avistar aquelas residências graciosas, tão tranquilas, mais de um desejava ser seu proprietário, para ali viver até o fim de seus dias, com um bom bilhar, uma chalupa, uma mulher ou algum outro sonho. O prazer totalmente novo de uma excursão marítima facilitava as efusões. Os galhofeiros já começavam suas brincadeiras. Muitos cantavam. Estavam alegres. Serviam-se copinhos e mais copinhos.

Frédéric pensava no quarto que ocuparia por lá, no projeto de um drama, em temas para quadros, em paixões futuras. Achava que a felicidade merecida pela excelência de sua alma custava a chegar. Declamou para si mesmo versos melancólicos; andou pelo convés a passos rápidos;

avançou até a proa, pelo lado da sineta — e numa roda de passageiros e marujos, viu um senhor fazendo galanteios a uma camponesa, enquanto mexia no crucifixo de ouro que ela levava no peito. Era um grandalhão de uns quarenta anos e cabelos crespos. Sua compleição robusta enchia uma jaqueta de veludo preto, duas esmeraldas brilhavam na camisa de cambraia, e as calças largas e brancas caíam sobre estranhas botas vermelhas, de couro da Rússia, realçadas por desenhos azuis.

A presença de Frédéric não o constrangeu. O sujeito se virou várias vezes para ele, interpelando-o com piscadelas; em seguida, ofereceu charutos a todos os que o cercavam. Mas, talvez entediado com essa companhia, foi se instalar mais longe. Frédéric o seguiu.

A conversa versou, primeiro, sobre as diferentes espécies de fumo, e depois, muito naturalmente, sobre as mulheres. O senhor de botas vermelhas deu conselhos ao rapaz; expunha teorias, contava anedotas, citava a si mesmo como exemplo, falando tudo isso em tom paternal, com uma divertida e ingênua perversão.

Era republicano; tinha viajado, conhecia o interior dos teatros, dos restaurantes, dos jornais, e todos os artistas célebres, a quem chamava familiarmente pelos nomes de batismo; Frédéric logo lhe confiou seus projetos; ele os encorajou.

Mas interrompeu-se para observar o cano da chaminé, depois resmoneou depressa um longo cálculo, para saber “quanto cada pancada do êmbolo, a tantas vezes por minuto, devia etc.”. — E, encontrando a soma, admirou longamente a paisagem. Dizia-se feliz por ter escapado dos negócios.

Frédéric sentia certo respeito por ele, e não resistiu à vontade de saber seu nome. O desconhecido respondeu de um só fôlego:

— Jacques Arnoux, proprietário de *L'Art industriel*, no Boulevard Montmartre.

Um criado com galão dourado no boné veio lhe dizer: — O senhor pode descer? A senhorita está chorando. Ele desapareceu.

*L'Art industriel* era um estabelecimento híbrido, compreendendo um jornal de pintura e uma loja de quadros. Frédéric tinha visto aquele título, várias vezes, na vitrine do livreiro de sua terra natal, em imensos prospectos, nos quais o nome de Jacques Arnoux se exibia magistralmente.

O sol dardejava a pino, fazia reluzir as cavilhas de ferro ao redor dos mastros, as placas das amuradas e a superfície da água; esta se dividia na proa em dois sulcos, que se desdobravam até a beira das pradarias. A cada curva do rio, encontrava-se a mesma cortina de choupos pálidos. O campo estava completamente ermo. Havia no céu nuvenzinhas brancas paradas, e o tédio, vagamente disseminado, parecia enlanguescer a marcha do barco e tornar ainda mais insignificante o aspecto dos viajantes.

Salvo alguns burgueses, na primeira classe havia operários, empregados de lojas, com mulheres e filhos. Como então o costume era vestir-se sordidamente em viagem, quase todos usavam velhos barretes gregos ou chapéus desbotados, mirradas casacas escuras, puídas de tanto esfregarem na escrivaninha, ou sobrecasacas com as casas dos botões arreganhadas de tanto uso no armazém; aqui e ali, um colete de gola deixava ver uma camisa de algodão cru, manchada de café; alfinetes de crisócalo\* espetavam gravatas esfarrapadas; presilhas costuradas na bainha das calças seguravam chinelos de ourela trançada; dois ou três vadios que seguravam bengalas com cordão de couro lançavam olhares oblíquos, e pais de família arregalavam os olhos, fazendo perguntas. Eles conversavam em pé ou de cócoras, sobre as bagagens; outros dormiam nos cantos; vários comiam. O convés ficava sujo de cascas de nozes,

\* Liga de cobre, estanho e zinco, imitando ouro e usado em bijuteria barata.

guimbas de charutos, cascas de peras, restos de charcutaria embrulhada em papel; três marceneiros, de avental, estavam parados defronte da cantina; um tocador de harpa, maltrapilho, descansava encostado em seu instrumento; ouviam-se a intervalos o barulho do carvão de pedra na fornalha, um grito, um riso; — e o comandante, na passarela, andava, sem parar, de um tambor a outro. Para voltar a seu assento, Frédéric empurrou a porta da primeira classe, incomodou dois caçadores com seus cães.

Foi como uma aparição:

Ela estava sentada, no meio do banco, sozinha; ou pelo menos ele não avistou ninguém, no deslumbramento que os olhos dela lhe enviaram. No exato instante em que ele passava, ela levantou a cabeça; ele curvou involuntariamente os ombros; e quando foi se postar mais longe, do mesmo lado, ele olhou para ela.

Usava um largo chapéu de palha, com fitas cor-de-rosa que balançavam ao vento, atrás dela. Seus bandós pretos, contornando a ponta das grandes sobancelhas, desciam bem baixo e pareciam comprimir amorosamente o oval do rosto. O vestido de musselina clara, salpicado de pequenos poás, se desdobrava em muitos pregueados. Ela estava bordando alguma coisa; e seu nariz reto, seu queixo, toda a sua pessoa se recortava contra o fundo azul do ar.

Como ela mantinha a mesma pose, ele deu várias voltas, para a direita e para a esquerda, a fim de disfarçar sua manobra; depois, plantou-se bem perto de sua sombrinha, encostada no banco, e fingiu observar uma chalupa no rio.

Nunca tinha visto aquele esplendor de sua pele morena, a sedução de sua cintura, nem aquela delicadeza dos dedos que a luz atravessava. Observava com espanto seu cesto de costura, como uma coisa extraordinária. Quais seriam seu nome, sua residência, sua vida, seu passado? Desejava conhecer os móveis de seu quarto, todos os vesti-

dos que ela usara, as pessoas que frequentava; e o próprio desejo da posse física desaparecia sob um desejo mais profundo, numa curiosidade dolorosa que não tinha limites.

Uma negra de lenço na cabeça apareceu, segurando pela mão uma garotinha já crescida. A criança, cujos olhos soltavam lágrimas, acabava de acordar; ela a sentou nos joelhos. “A senhorita não estava bem-comportada, embora logo fosse fazer sete anos; assim, sua mãe não ia gostar mais dela; perdoavam demais os seus caprichos.” E Frédéric se alegrava ao ouvir essas coisas, como se tivesse feito uma descoberta, uma aquisição.

Imaginava-a de origem andaluza, talvez nascida nas Antilhas; teria trazido das ilhas aquela negra?

Um xale comprido de franjas violeta estava posto em suas costas, sobre a amurada de cobre. Muitas vezes, no meio do mar, durante as noites úmidas, ela devia ter enrolado a cintura com ele, coberto os pés, dormido debaixo dele! Mas, arrastado pelas franjas, o xale escorregava aos poucos, ia cair na água, e Frédéric deu um pulo e o agarrou. Ela lhe disse:

— Muito obrigada, senhor.

Seus olhos encontraram-se.

— Mulher, você está pronta? —, gritou o sr. Arnoux aparecendo no toldo da escada.

A menina Marthe correu para ele e, pendurada em seu pescoço, puxou-lhe os bigodes. Os sons de uma harpa ressoaram, ela quis ir ver a música; e logo o tocador do instrumento, levado pela negra, entrou na primeira classe. Arnoux o reconheceu, era um antigo modelo; tratou-o com intimidade, o que surpreendeu os presentes. Por fim, o harpista jogou os longos cabelos para trás, estendeu os braços e começou a tocar.

Era uma romança oriental que falava de punhais, flores e estrelas. O homem esfarrapado cantava isso com voz penetrante; as batidas do motor cortavam a melodia num ritmo errado; ele dedilhava com mais força: as cordas

vibravam e os sons metálicos pareciam exalar soluços, e como que o lamento de um amor orgulhoso e vencido. Dos dois lados do rio bosques se inclinavam até a beira da água; passava uma corrente de ar fresco; a sra. Arnoux olhava ao longe, de um jeito vago. Quando a música parou, piscou várias vezes, como se saísse de um sonho.

O harpista se aproximou deles, humildemente. Enquanto Arnoux procurava um trocado, Frédéric estendeu a mão fechada em direção ao boné, e, abrindo-a com pudor, ali depositou um luís de ouro. Não era a vaidade que o levava a dar essa esmola na frente dela, mas um pensamento de bênção a que ele a associava, um gesto do coração, quase religioso.

Mostrando-lhe o caminho, Arnoux o convidou cordialmente a descer. Frédéric afirmou que acabara de almoçar; na verdade, estava morto de fome; e não tinha nem mais um centavo no fundo do bolso.

Em seguida, pensou que tinha, afinal, o direito, como qualquer um, de estar no salão do restaurante.

Em volta das mesas redondas, burgueses comiam, um garçom circulava; o casal Arnoux estava ao fundo, à direita; ele se sentou na banquetta comprida de veludo, depois de apanhar um jornal que estava ali.

Em Montereau deveriam pegar a diligência para Châlons. A viagem deles à Suíça duraria um mês. A sra. Arnoux criticou o marido por sua fraqueza com a criança. Ele cochichou em seu ouvido, talvez um gracejo, pois ela sorriu. Depois deu-se ao trabalho de fechar o cortinado da janela que havia atrás dela.

O teto, baixo e todo branco, refletia uma luz crua. Frédéric, na sua frente, distinguia a sombra de seus cílios. Ela mergulhava os lábios no copo, esfarelava entre os dedos um pouco de casca de pão; o medalhão de lápis-lázuli, preso ao punho por uma correntinha de ouro, de vez em quando tilintava batendo no prato. Os que ali estavam, porém, não pareciam observá-la.

Às vezes, pelas escotilhas via-se deslizar o flanco de uma barca que acostava ao navio para pegar ou deixar passageiros. As pessoas sentadas à mesa se debruçavam nas vigias e iam dizendo os nomes das terras ribeirinhas.

Arnoux se queixava da cozinha: diante da conta, reclamou consideravelmente e exigiu que a reduzissem. Depois levou o rapaz até a proa do barco para beberem grogues. Mas Frédéric logo voltou para debaixo do toldo, para onde a sra. Arnoux retornara. Ela lia um livro fino de capa cinza. Vez por outra os dois cantos da sua boca se levantavam e um raio de prazer iluminava sua testa. Ele teve ciúmes de quem inventara aquelas coisas com as quais ela parecia absorta. Quanto mais a contemplava, mais sentia abrirem-se abismos entre ambos. Pensava que teria de deixá-la dali a pouco, irrevogavelmente, sem ter lhe arrancado uma só palavra, sem lhe deixar sequer uma lembrança!

Uma planície estendia-se à direita; à esquerda, uma pastagem ia suavemente juntar-se a uma colina, onde se avistavam vinhedos, nogueiras, um moinho na relva e, adiante, pequenos caminhos formando zigue-zagues na rocha branca que tocava uma beira do céu. Que felicidade subir lado a lado, com o braço em volta de sua cintura, enquanto seu vestido varreria as folhas amareladas, ouvindo sua voz, diante do deslumbramento de seus olhos! O barco podia parar, bastaria que eles descessem; e essa coisa tão simples não era, porém, mais fácil do que sacudir o sol!

Um pouco mais longe, descobria-se um castelo de telhado pontiagudo com torrinhos quadradas. Um canteiro de flores estendia-se na frente da fachada; e avenidas se enfiavam, como abóbadas negras, sob as tílias altas. Ele a imaginou passando à beira das alamedas arborizadas. Nesse momento, uma dama jovem e um rapaz apareceram na escada, entre os caixotes de laranjeiras. Depois tudo desapareceu.

A menina brincava em volta dele. Frédéric quis beijá-la. Ela se escondeu atrás da empregada; a mãe ralhou com ela por não ser amável com o cavalheiro que salvara seu xale. Seria uma abertura, uma indireta?

“Será que vai enfim falar comigo?”, ele pensou com seus botões.

O tempo ia passando. Como conseguir um convite para a casa dos Arnoux? E ele não imaginou nada melhor do que chamar a atenção dele para a cor do outono, acrescentando:

— O inverno já está chegando, a época dos bailes e dos jantares!

Mas Arnoux estava muito ocupado com as bagagens. A costa de Surville apareceu, aproximaram-se as duas pontes, foram margeando uma cordoaria, depois uma fileira de casas térreas; havia, embaixo, potes de alcatrão, lascas de madeira; e crianças corriam na areia, fazendo roda. Frédéric reconheceu um homem com um colete de mangas, e lhe gritou:

— Venha logo.

Estavam chegando. A duras penas, ele procurou Arnoux no meio da multidão de passageiros, e o outro respondeu apertando-lhe a mão:

— Foi um prazer, caro senhor!

Quando se viu no cais, Frédéric se virou. Ela estava perto do leme, em pé. Ele lhe enviou um olhar em que tentara pôr toda a sua alma; como se ele nada tivesse feito, ela se manteve imóvel. Depois, sem consideração com os cumprimentos de seu doméstico, ele disse:

— Por que não trouxe a carruagem até aqui?

O homem se desculpou.

— Que desastrado! Dê-me dinheiro!

E foi comer num albergue.

Quinze minutos depois, teve vontade de entrar como por acaso no pátio das diligências. Quem sabe ainda a veria?

“Para quê?”, pensou.

E a americana\* o levou. Um dos dois cavalos não perencia à sua mãe. Ela pedira emprestado o do sr. Chambrión, o coletor de impostos, para atrelá-lo ao lado do seu. Isidore, que partira na véspera, repousara em Bray até a noite e dormira em Montereau, tanto assim que os animais, revigorados, trotavam céleres.

Campos ceifados se estendiam a perder de vista. Duas fileiras de árvores margeavam a estrada, os montes de pedras se sucediam: e aos poucos, Villeneuve-Saint-Georges, Ablon, Châtillon, Corbeil e as outras cidades, toda a sua viagem no barco lhe voltou à memória, de maneira tão nítida que agora ele distinguia detalhes novos, peculiaridades mais íntimas; sob o último babado de seu vestido, o pé dela entrava numa apertada botina de seda, marrom; o toldo de cotim formava um amplo dossel sobre sua cabeça, e as pequenas borlas vermelhas do remate estremeciam na brisa, o tempo todo.

Ela se parecia com as mulheres dos livros românticos. Ele não gostaria de acrescentar nada, de retirar nada de sua pessoa. De repente, o universo acabava de se ampliar. Ela era o ponto luminoso para o qual o conjunto das coisas convergia; — e, embalado pelo movimento da carruagem, de pálpebras semicerradas e olhar nas nuvens, entregou-se a uma alegria sonhadora e infinita.

Em Bray, não esperou que dessem aveia aos cavalos, foi em frente, pela estrada, sozinho. Arnoux a chamou de “Marie!”. Ele gritou muito alto: “Marie!”. Sua voz perdeu-se no ar.

Uma vasta mancha púrpura inflamava o céu a ocidente. Grandes medas de trigo, que se erguiam no meio dos restolhos, projetavam sombras gigantes. Um cão começou a latir numa granja, ao longe. Ele estremeceu, assaltado por uma inquietação sem causa.

\* Carruagem de aluguel de quatro rodas, leve e aberta, puxada por dois cavalos.

Quando Isidore juntou-se a ele, tomou o assento do condutor. Seu desfalecimento passara. Estava muito decidido a se introduzir, de qualquer maneira, na casa dos Arnoux e a eles se ligar. A casa deles devia ser divertida, aliás Arnoux lhe agradava; depois, quem sabe? Então, um fluxo de sangue subiu ao seu rosto: suas têmporas latejavam, ele fez o chicote estalar, sacudiu as rédeas e foi conduzindo os cavalos em tal ritmo que o velho cocheiro repetia:

— Devagar! Mais devagar! Vai deixá-los ofegantes.

Aos poucos Frédéric se acalmou e ouviu o que o seu doméstico dizia.

Esperavam o Senhor com grande impaciência. A srta. Louise chorara porque não pudera ir na carruagem.

— Mas quem é a srta. Louise?

— A menina do sr. Roque, sabe?

— Ah! Tinha esquecido! — retrucou Frédéric, distraído.

No entanto, os dois cavalos não aguentavam mais. Um e outro mancavam; e batiam nove horas em Saint-Laurent quando ele chegou à Place d'Armes, em frente à casa de sua mãe. Essa casa, espaçosa, com um jardim dando para o campo, aumentava a consideração pela sra. Moreau, que era a pessoa mais respeitada na cidade.

Descendia de uma velha família de fidalgos, agora extinta. O marido, um plebeu com quem seus pais a fizeram casar, morrera de um golpe de espada, durante a gravidez dela, deixando-lhe uma fortuna comprometida. Ela recebia três vezes por semana e de vez em quando dava um belo jantar. Mas o número de velas era calculado de antemão, e ela esperava impaciente o pagamento dos aluguéis de suas terras. Esse constrangimento, disfarçado como se fosse um vício, dava-lhe um ar sério. Sua virtude, porém, se exercia sem demonstrações de recato, sem azedume. Suas menores caridades pareciam grandes esmolas. Era consultada sobre a escolha dos domésticos, a educação das moças, a arte das geleias, e o Monsenhor se hospedava em sua casa, nas andanças episcopais.

A sra. Moreau nutria uma alta ambição para o filho. Não gostava de ouvir criticarem o governo, por uma espécie de prudência antecipada. Primeiro, ele precisaria de proteções; depois, graças a seus talentos, se tornaria conselheiro de Estado, embaixador, ministro. Seus triunfos no colégio de Sens legitimavam esse orgulho; ele conquistara o prêmio de honra.

Quando ele entrou no salão, todos se levantaram com grande alvoroço e o beijaram; e com as poltronas e as cadeiras formaram um amplo semicírculo em torno da lareira. O sr. Gamblin lhe perguntou de imediato sua opinião sobre a sra. Lafarge.\* Esse processo, o furor da época, não deixou de provocar uma discussão violenta; a sra. Moreau a interrompeu, para tristeza, porém, do sr. Gamblin, que a julgava útil para o rapaz em sua qualidade de futuro jurisconsulto, e que saiu do salão, furioso.

Nada devia surpreender num amigo do velho Roque! A respeito do sr. Roque, falou-se do sr. Dambreuse, que acabava de comprar a propriedade de La Fortelle. Mas o recebedor puxara Frédéric à parte, para saber o que pensava da última obra do sr. Guizot.\*\* Todos desejavam conhecer seus projetos; e a sra. Benoît agiu com muito jeito, informando-se sobre seu tio. Como ia aquele bom

\* Acusada de ter envenenado o marido com arsênico, a sra. Lafarge foi condenada, em 1840, a trabalhos forçados perpétuos, embora não se encontrasse arsênico no cadáver. Foi indultada em 1852 e morreu no mesmo ano.

\*\* François Guizot (1787-1874), historiador e líder da ala reacionária do partido conservador, foi várias vezes ministro e primeiro-ministro em 1847-8. É autor da famosa frase “Enriquecei-vos”, que conclamava os franceses a poupar e enriquecer. Aveso às reformas exigidas pela população, acabou provocando a Revolução de 1848 e a queda da Monarquia de Julho, de Luís Filipe. Sua “última obra” é *Vie, correspondance et écrits de Washington*, de 1840.

parente? Não dava mais notícias. Não tinha ele um primo afastado na América?

A cozinheira anunciou que a sopa do Senhor estava servida. Todos se retiraram, por discrição. Depois, assim que ficaram a sós na sala, sua mãe lhe disse baixinho:

— E então?

O velhote o havia recebido muito cordialmente, mas sem revelar suas intenções.

A sra. Moreau suspirou.

“Onde ela estará agora?”, ele pensou.

A diligência ia andando, e, talvez enrolada no xale, ela apoiava no forro do compartimento sua bela cabeça adormecida.

Eles estavam subindo para seus quartos quando um moço do *Le Cygne de la Croix* trouxe um recado.

— Mas o que é?

— É Deslauriers que está me chamando — disse ele.

— Ah! Aquele seu colega! — disse a sra. Moreau com um risinho de desprezo. — É uma hora bem adequada, realmente!

Frédéric hesitou. Mas a amizade foi mais forte. Pegou o chapéu.

— Ao menos, não demore muito! — disse a mãe.

## II

O pai de Charles Deslauriers era um antigo capitão de infantaria, demissionário em 1818; viera se casar de novo, em Nogent, e, com o dinheiro do dote, comprara um cargo de oficial de justiça, suficiente apenas para sustentá-lo. Amargurado com as longas injustiças, sofrendo com as velhas feridas, e sempre saudosos do Imperador, ele despejava sobre os que o cercavam as cóleras que o sufocavam. Poucas crianças apanharam tanto como seu filho. O menino não cedia, apesar das surras. A mãe, quando

tentava se interpor, era igualmente maltratada. Afinal, o capitão o empregou no seu escritório e, ao longo do dia inteiro, o mantinha curvado sobre a escrivaninha a copiar certidões, o que o deixou com o ombro direito visivelmente mais forte que o outro.

Em 1833, depois do convite do senhor presidente, o capitão vendeu seu escritório. A mulher morreu de câncer. Ele foi viver em Dijon; em seguida, estabeleceu-se como comerciante de homens\* em Troyes; e tendo obtido para Charles uma meia bolsa, o pôs no colégio de Sens, onde Frédéric o conheceu. Mas este tinha doze anos, o outro quinze; aliás, mil diferenças de temperamento e de origem os separavam.

Frédéric possuía em sua cômoda provisões de toda espécie, coisas requintadas, um estojo de toalete, por exemplo. De manhã, gostava de dormir até tarde, olhando as andorinhas, lendo peças de teatro, e, saudosos das doçuras da casa, achava rude a vida do colégio.

Para o filho do oficial de justiça, ela parecia boa. Ele estudava tanto que, ao final de dois anos, pulou para o quarto ano. Mas devido à sua pobreza ou seu humor briguento, uma surda maledicência o cercava. Certa vez, contudo, quando um criado o chamou de filho de vagabundo, em pleno pátio dos Médios, ele pulou em seu pescoço e o teria matado se não fossem três bedéis que intervieram. Frédéric, tomado de admiração, o apertou em seus braços. A partir desse dia, a intimidade foi completa. A afeição de um *grande* certamente lisonjeou a vaidade do pequeno, e o outro aceitou como uma felicidade essa dedicação que se oferecia.

Durante as férias, seu pai o deixava no colégio. Uma tradução de Platão aberta por acaso o entusiasmou. Então

\* Pela lei de 1832, o serviço militar durava sete anos e os recrutas eram selecionados por sorteio. Quem tirava um número ruim podia comprar um substituto. Os “comerciantes de homens” serviam de intermediários para essas transações.

ele se apaixonou pelos estudos metafísicos e seus avanços foram rápidos, pois os abordava com a força da juventude e o orgulho de uma inteligência que se libertou; Jouffroy, Cousin, Laromiguière, Malebranche, os escoceses, tudo o que a biblioteca continha passou por ele. Precisou roubar a chave para conseguir os livros.

As distrações de Frédéric eram menos sérias. Desenhou na Rue des Trois-Rois a genealogia de Cristo, esculpida num poste, e em seguida no pórtico da catedral. Depois de ler os dramas da Idade Média, lançou-se nas memórias: Froissart, Comines, Pierre de l'Estoile, Brantôme.

As imagens que essas leituras levavam a seu espírito o obcecavam tão fortemente que ele sentia necessidade de reproduzi-las. Ambicionava ser, um dia, o Walter Scott\* da França. Deslauriers meditava um vasto sistema de filosofia, que teria as mais remotas aplicações.

Conversavam sobre tudo isso, durante os recreios, no pátio, diante da inscrição moral pintada sob o relógio; cochichavam sobre isso na capela, nas barbas de são Luís; sonhavam com isso no dormitório, de onde se domina um cemitério. Nos dias de passeio, punham-se atrás dos outros e conversavam interminavelmente.

Falavam do que fariam mais tarde, quando tivessem saído do colégio. Primeiro, emprenderiam uma grande viagem com o dinheiro que Frédéric tiraria de sua fortuna, na maioridade. Depois, voltariam para Paris, trabalhariam juntos, não se largariam; — e, como distração para seus trabalhos, teriam os amores de princesas em boudoirs de cetim, ou fariam fulgurantes orgias com cortesãs ilustres. Dúvidas sucediam-se aos ímpetus de esperança. Depois de crises de alegria verbosa, caíam em silêncios profundos.

\* Walter Scott (1771-1832) foi o grande nome do romance histórico na época do romantismo, e leitura favorita de Flaubert na adolescência.

Nas noites de verão, quando tinham andado muito tempo pelos caminhos empedrados à beira dos vinhedos, ou pela estrada principal, em pleno campo, e que os trigos ondulavam ao sol, enquanto aromas de angélica-dos-jardins pairavam no ar, uma espécie de sufocação os atacava, e deitavam-se de costas, atordoados, inebriados. Os outros, em manga de camisa, brincavam de apostar corrida ou soltavam pipa. O vigilante os chamava. Regressavam, seguindo os jardins cruzados por pequenos riachos, depois os bulevares sombreados pelos velhos muros; as ruas desertas ecoavam sob seus passos; o portão se abria, subiam a escada; e ficavam tristes como depois de grandes farras.

O bedel afirmava que juntos eles se exaltavam. Porém, se Frédéric estudou nas turmas adiantadas, foi graças às exortações do amigo; e nas férias de 1837 ele o levou para a casa da mãe.

A sra. Moreau não gostou do rapaz. Ele comeu exageradamente, recusou-se a assistir no domingo aos ofícios religiosos, fez discursos republicanos; por fim, ela pensou saber que ele levava seu filho para lugares pouco frequentáveis. Vigiarão-se as relações dos dois. Eles passaram a gostar ainda mais um do outro; e as despedidas foram dolorosas quando, no ano seguinte, Deslauriers foi embora do colégio para estudar direito em Paris.

Frédéric bem que contava ir juntar-se a ele. Fazia dois anos que não se viam; e, tendo terminado os abraços, foram andar pelas pontes para conversar mais à vontade.

O Capitão, que agora era dono de um bilhar em Villenauxe, ficara vermelho de raiva quando o filho exigira suas contas da tutela, e, simplesmente, até lhe cortara os víveres. Mas como Deslauriers queria concorrer mais tarde a uma cátedra de professor na Escola\* e não tinha dinheiro, aceitou em Troyes um lugar de escrevente, com um advogado. Com tantas privações, economizaria qua-

\* A Faculdade de Direito de Paris.

tro mil francos, e como não devia tocar em nada da herança materna, sempre teria como trabalhar livremente, durante três anos, à espera de uma colocação. Portanto, devia abandonar o velho projeto dos dois de viverem juntos na capital, ao menos por ora.

Frédéric baixou a cabeça. Era o primeiro de seus sonhos que desmoronava.

— Console-se — disse o filho do Capitão —, a vida é longa, somos jovens. Vou ao seu encontro! Não pense mais nisso!

E o sacudia pelas mãos, e para distraí-lo fez perguntas sobre a viagem.

Frédéric não tinha muito que contar. Mas, à lembrança da sra. Arnoux, sua tristeza desvaneceu. Não falou dela, contido por um pudor. Em compensação, estendeu-se sobre Arnoux, contando suas conversas, suas maneiras, suas relações; e Deslauriers incitou-o fortemente a cultivar essa ligação.

Nos últimos tempos Frédéric não tinha escrito nada; suas opiniões literárias haviam mudado; estimava, acima de tudo, a paixão; Werther, René, Franck, Lara, Lélia e outros mais medíocres o entusiasmavam quase da mesma maneira. Às vezes só a música lhe parecia capaz de expressar suas perturbações interiores; então, sonhava com sinfonias; ou bem era a superfície das coisas que o apreendia, e ele queria pintar. Tinha, porém, composto uns versos; Deslauriers os achou muito bonitos, mas não pediu para ouvir outros.

Quanto a ele, já não se interessava pela metafísica. A economia social e a Revolução Francesa o preocupavam. Agora, era um pobre-diabo de vinte e dois anos, magro, com a boca larga, o ar decidido. Naquela noite, usava um paletó mal cortado de lã ordinária e seus sapatos estavam brancos de poeira, pois percorrera a pé a estrada de Villenauve, expressamente para ver Frédéric.

Isidore aproximou-se deles. A Senhora pedia ao Se-

nhor para voltar, e, temendo que estivesse com frio, lhe enviava seu sobretudo.

— Mas fique! — disse Deslauriers.

E continuaram a passear de um extremo a outro das duas pontes que se apoiam sobre a ilha estreita, formada pelo canal e pelo rio.

Quando iam para o lado de Nogent, tinham à frente um quarteirão de casas um pouco inclinadas; à direita, a igreja aparecia por trás dos moinhos de madeira cujas comportas estavam fechadas; e à esquerda, as cercas de arbustos às margens do rio terminavam os jardins, que mal eram visíveis. Mas do lado de Paris, a estrada principal descia em linha reta e os prados se perdiam ao longe, nos vapores da noite. A estrada parecia silenciosa e com uma claridade esbranquiçada. Odores de folhagem úmida subiam até eles; a queda-d'água da represa, cem passos adiante, murmurava com esse ruído doce e surdo que as ondas fazem nas trevas.

Deslauriers parou e disse:

— Essas boas pessoas que dormem tranquilas, que engraçado! Paciência! Um novo 1789 se prepara! Estamos cansados de constituições, de cartas, de sutilezas, de mentiras! Ah! Se eu tivesse um jornal ou uma tribuna, como eu vos libertaria de tudo isso! Mas para realizar o que quer que seja, é preciso dinheiro! Que maldição ser filho de um taberneiro e perder a juventude em busca de pão!

Baixou a cabeça e mordeu os lábios enquanto tiritava sob a roupa fina.

Frédéric jogou em seus ombros a metade do sobretudo. Os dois se enrolaram e, abraçando-se pela cintura, andaram debaixo dele, lado a lado.

— Como quer que eu viva lá, sem você? — perguntou Frédéric. A amargura do amigo trouxera de volta sua tristeza. — Eu teria feito alguma coisa ao lado de uma mulher que me amasse... Por que está rindo? O amor é o alimento e como que a atmosfera do gênio. As emo-